

ÁGUAS CLARAS

ONDE MORA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

2006

1992

Quem decidiu ficar sabe da morosidade do governo para resolver os problemas. E descobre vantagens

Difícil, mas acolhedor

CECÍLIA BRANDIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Da janela do 12º andar, a microempresária Conceição Oliveira, 42 anos, acompanha as muitas transformações na paisagem da cidade onde mora, Águas Claras, o maior canteiro de obras de Brasília. Todos os anos, novos prédios, alguns cada vez mais altos, redesenham o lugar.

Quando chegou com a família para morar em meio às construções e esqueletos de edifícios residenciais, sete anos atrás, havia apenas a esperança de moradia em um lugar jovem, nobre, diferente das moradias que a capital havia oferecido até ali. Era um projeto que não tinha o apoio do urbanista Lucio Costa, com quem arquitetos e urbanistas discutiram a melhor forma de criar um bairro para classe média entre Guará e Taguatinga. Costa insistia no padrão dos prédios com até seis andares, mas venceu a pressão da iniciativa privada, e Águas Claras nasceu com espigões de 12 andares. Conceição escolheu o apartamento de dois quartos no topo de um deles. Imóvel comprado em sistema de cooperativa, dividido

Diferente de todas as demais cidades do Distrito Federal, Águas Claras aponta seus prédios para mais perto do céu. Por isso, Conceição Oliveira pode acompanhar o surgimento de novos espigões, cerca de 200 por ano. No maior canteiro de obras do DF, sobram promessas de dar aos moradores a infra-estrutura há tanto tempo prometida

em prestações, pagas durante nove anos.

Para sair do aluguel pesado na Asa Norte, eles tinham optado por uma casa em Valparaíso (GO). Só depois, com a criação de Águas Claras, os preços da moradia permitiram que ele voltassem para perto do Plano Piloto. Conceição, o marido e os dois filhos chegaram pensando que ali viveriam somente o tempo de melhorar de vida. Queriam voltar para o Plano. "Acabou essa vontade. Águas Claras é nova, próxima de Taguatinga, tem mais segurança. E nós acabamos abraçando a cidade", revela.

Alvo de críticas freqüentes, Águas Claras sofre com a precariedade na infra-estrutura. Dos 750 prédios previstos, pelo menos 200 estão prontos. A estimativa é que o mesmo número esteja em cons-

trução. O movimento intenso de trabalhadores e o crescimento acelerado da população não acompanharam a chegada dos serviços públicos. Faltam rede pluvial, calçadas, bocas-de-lobo, marquises nas paradas de ônibus, iluminação pública, urbanização do parque. "Os moradores chegaram antes da cidade. Houve um descaso com quem se mudou para cá", lamenta.

Muita coisa ficou para trás na história curta do bairro, criado oficialmente por um decreto publicado em dezembro de 1992. Onde deveria haver um centro comercial de pequeno porte, surgiu um shopping center. Entre uma quadra e outra, deveriam existir 27 praças, mas elas nunca saíram do projeto. Haveria uma escola pública no terreno

que não recebeu mais do que entulhos.

Com 14 anos de atraso, o governo do Distrito Federal anunciou melhorias gerais. O orçamento do DF de 2006 previu recursos para pequenas obras como a construção de passeios públicos, plantio de gramas, asfalto em vias secundárias.

Diante de tantos problemas, há quem desista do bairro. Para Conceição, é diferente. Ela e a família decidiram que Águas Claras será para sempre o endereço deles. Participam da organização de passeios ciclísticos e encontros da comunidade no Parque Águas Claras, área verde de 62 hectares no meio do bairro. "Essa cidade parece interior, é aconchegante. Aqui nós fizemos amigos, nossa vida mudou. Não saio mais", diz.

Alvaro Henrique/Especial para o CB/16.4.06

